

BRASIL-PORTUGAL

16 DE AGOSTO DE 1904

N.º 134

O verão em Cintra



Phot. am. E. Maya Cardoso.

Nos Seteas — S. M. a rainha a cavallo

O verão em Cintra

Ha a seguinte formula muito pittoresca para designar a frescura de Cintra:

— E' em Cintra que o inverno vai passar o verão.

E, como é no inverno que a gente elegante se diverte, vai a gente elegante para o mesmo sitio para que vai o inverno. Vê-se, pois, que a vida da sociedade *chic* depende sobretudo da temperatura. Mal se pôde admitir que n'uma atmosfera de 30 grãos centígrados se realice um baile. Por mais leves e mais diaphanas que sejam as *toilettes*, por mais impudentes que tenham sido as tesouras da modista em accentuar os decotes do vestido, não se pôde exigir que uma senhora, n'uma atmosfera abafada de estufa, ac-

E' por isso que, não sendo permitido valsar, nem jogar o *tennis*, nem galopar a cavallo n'uma cidade que conserva o mercurio dos seus thermometros entre 30 e 40 grãos, a sociedade de Lisboa emigra todos os annos alegremente para Cintra, provida de *raquettes*, de peliças e de pastilhas peitoraes de Poncellet, á cautella. Tudo ali é preciso... para passar o verão.

Um dos passatempos mais animados e interessantes d'esta estação foi o *rally-pepper*. Entre os cavalleiros que entraram na corrida figurava o capellão d'um regimento de lanceiros. Foi elle um dos que mais se distinguio. Aprumado sobre a sella, os pés enfiados nos estribos reluzentes, a mão esquerda segurando ligeiramente a redea, o busto erecto, o olhar firme, — o respeitavel sacerdote esperava o signal do *starter*, com a elegancia e o garbo de qualquer *gentleman-rider*, que se prepara para correr a raposa n'uma densa floresta da Escocia. E, apenas a pequenina bandeira escarlate do juiz de partida se abateu sobre a relva — *go on!* — o cavallo do capellão deitou a correr á desfilada, saltando barrancos e penedias, ora desaparecendo por entre os espessos massiços de verdura, surgindo



O verão em Cintra — Os corredores no «Rally-pepper» promptos a largar

ceite tão graciosamente o convite para uma valsa, como o acceptaria para tomar um sorvete. As pessoas elegantes sabem perfeitamente que as essencias, ainda as mais finas, se devem usar com a maxima discrição, e que d'um lenço de rendas de Malines se deve exhalar apenas o *souppon* de algumas gotas de opoponax. Todos os aromas estão sujeitos á mesma lei, inclusivè e até principalmente o delicado *odor di femina*, tão celebrado pelos poetas. Ora, o exercicio da valsa, por mais cadenciada e lenta que seja a composição de Straus ou de Berger, o exercicio da valsa, feito a uma temperatura muito elevada, desenvolve nos corpos esse *bouquet* especial d'um modo demasiadamente sensivel, capcioso e perturbador. Não posso negar que haja apreciadores, porque tambem ha quem, á meza, se deleite com as accentuadas emanações do queijo Roquefort. Ha gostos para tudo.

depois nas clareiras do bosque, sempre á frente, sem esmorecer na carreira, de pescoço estirado, as narinas offegantes, os movimentos ageis, impetuoso, ligeiro e veloz, como um verdadeiro corcel de guerra, que é. Infelizmente, por um dos imprevistos accidentes que costumam succeder n'estes exercicios em que collaboram homens e cavallos, o cavallo do capellão não foi o primeiro a chegar á meta. Ganhou o premio o cavallo de um negociante. A Egreja foi d'esta vez vencida pelo Commercio. O capellão, porém, resignou-se com a sorte; e, n'essa mesma noite, ajoelhado deante do pequeno oratorio do seu quarto, leu e meditou o Breviario com a unção e o fervor religioso do costume. A sotsina do sacerdote dissipou os resentimentos do cavalleiro.

Mas se a Egreja não sahio victoriosa nas corridas do *rally-pepper*, teve a sua hora de triumpho no Cirio de Santa Eufemia. Foi impo-



O verão em Cintra — O príncipe real e o senhor infante D. Manuel passando no arraial de Santa Eufemia



O verão em Cintra — O «Cross-Country» — O conde de Figueiró, juiz da partida, dando as instruções aos cavalleiros

nente! Por uma linda tarde d'agosto, debaixo de um céu azul e limpo, que se abria, como um vellario, sobre a copa frondosa do arvoredo, seguiu a procissão pela estrada fóra, desde Cintra até á ermida da santa. A' frente do andor, com a sobrepeliz franjada de renda annilada, caminhava o prior da freguezia, radiante de jubi-

lo. Ao cheiro campezino e acre dos fenos e dos pinheiraes misturava-se o cheiro adocicado do incenso, que subia dos thuribulos em nuvens turbinosas cõr de perola. D'espaco a espaco, por entre as alas dos irmãos, iam os anjos, com sapatos ferrados de campones e as azas brancas de pennas de pato suspensas dos hombros como



O verão em Cintra — O andor de Santa Eufemia



O verão em Cintra — No arraial de Santa Eufenia



O verão em Cintra — Um grupo elegante à tarde nos Seteais

mochilas de soldado em ordem de marcha. O cortejo era precedido por uma grande e animada cavalgada, a meio da qual se destacava, trotando n'uma egua rabona, o juiz da festa, de casaca e chapéu alto mettido até á nuca, e ostentando com ufania na mão direita a haste do pendão de setim escarlate com a imagem da Padroeira impressa a côres desbotadas. Fechava o cirio uma philarmónica da terra, na qual a desafinação dos clarinetes e dos trombones era repetidas vezes abafada pela pancadaria atroadora do zabumba. De longe em longe, estoirava no ar um morteiro, e viam-

se os passarinhos, espavoridos pelo estrondo, a fugir em bando para as cumiadas da serra. Só um atheu deixaria de se impressionar com tão commovente e consolador espectáculo. Fazia chorar!

Ora, nos dias em que não ha cirios a admirar, nem *vaiilly papers* a que assistir, a sociedade que veraneia em Cintra continua a apparecer, á tarde, no Terreiro de Seteais. Enquanto as mamãs se reúnem em grupos, conversando sobre os ultimos figurinos da *Femina* ou sobre o ultimo romance de Bourget, no meio do largo as creanças correm e saltam, seguidas pelo olhar vigilante das *bonnes*, que



O verão em Cintra — A continência a S. M. a rainha a senhora D. Maria Pia

se conservam a distancia, na attitude correcta e respeitosa dos cortezãos, que, no famoso quadro de Fortuny, assistem ás cabriollas que o pequenino Príncipe está dando sobre o macio tapete da Persia.



O verão em Cintra — No «Rally-papers» — O burro vencedor montado pelo menino Jorge de Mello (Sabugosa)

Quem outr'ora tivesse estado em Cintra, e d'ali se conservasse ausente durante os ultimos quinze annos, julgar-se-ia n'outra terra, se lá voltasse. A civilisação e o progresso tiraram-lhe os encantos primitivos. Os poetas, que outr'ora cantavam os crepusculos



O verão em Cintra — O cavallo vencedor saltando, montado pelo sr. G. Bleck

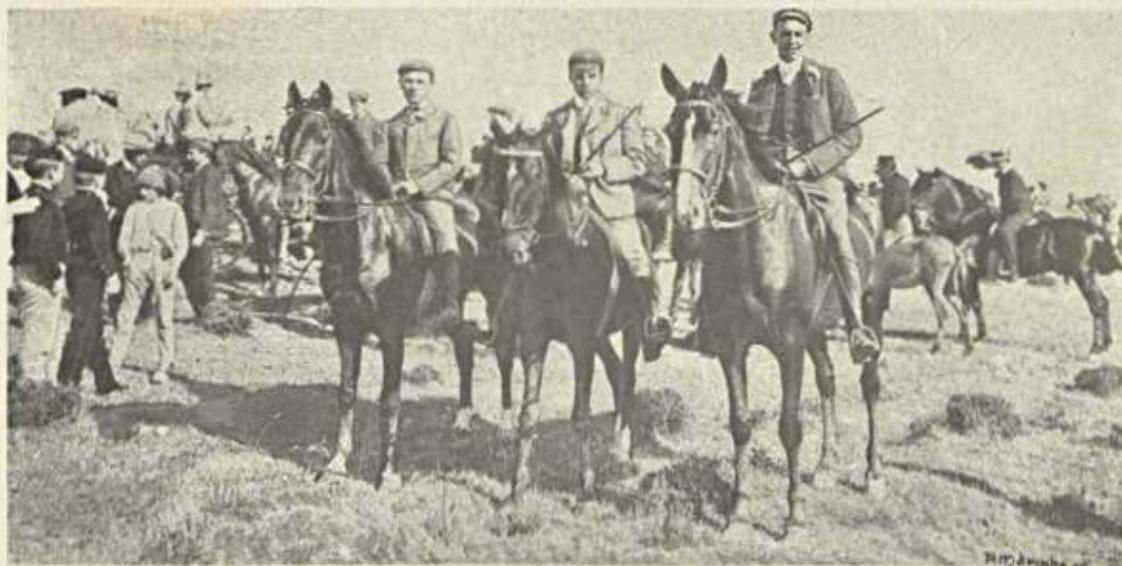
melancholicos da serra, recordando as endeixas amorosas de Bernardim Ribeiro e imitando as eglogas pastoris de Theocrito, já por ali não gemem. Com a installação dos carros electricos, desde o centro da villa até á praia das Maças, succedeu lhes o mesmo que succedeu aos burros: desapareceram.

Nas quebradas dos montes já se não repercute o echo dos zurreos, nem dos lamentos. Se acaso ali apparecesse hoje um poeta lyrico, de cabelleira desgrenhada, e, de pé sobre a penedia dos Capuchos, começasse a dedilhar na lyra as saudades pungentes da sua Menina e moça, o menos que lhe succederia era ir preso para a ca



O verão em Cintra — No «Rally-papers»... De alto...

deia, por offensas á moral, ou ser internado no hospital, por maluco. A civilisação é intransigente. O primeiro silvo da locomotiva produziu nos antigos habitos de Cintra o mesmo effeito que produziu em Jericó o som estridente das sete trombetas de Josué: foi tudo a terra, tudo o que representava a poesia, o sentimento, o coração, o amor. Para mitigar saudades do passado e a fome do presente, ficaram apenas as queijadas da Sapa. Essas mesmas, porém, estão hoje condemnadas a desaparecer na concorrência desleal que lhes fazem os bacs da confeitaria ingleza. Infelizes queijadas! As ulti-



O verão em Cintra — No «Rally-papers» — Os cavalleiros George Bleck, D. Jorge de Mello (Sabugosa) e D. José de Vasconcellos (Figueiró)



Phot. am. May, Cardoso. O verão em Cintra — O coronel algeriano Ben-Hahoud cumprimentando a senhora condessa de Figueiró

mas que restarem da derradeira fornada ainda hão de ser adquiridas por estrangeiros, que as importarão para os respectivos países, com o amor e o carinho com que importam do Egypto um pedregulho qualquer attribuido archeologicamente a um monumento anterior aos Pharaós. *Sic transit gloria mundi.*

ALBERTO BRAGA.

As nossas gravuras

Vizeu. — D'este bispado, que é um dos mais antigos do reino, pois existia já no tempo dos reis suevos, sendo sufraganeio de Braga, damos hoje varias gravuras, acompanhadas do retrato do venerando pre-

lado, que tão distinctamente preside aos destinos da diocese ha muitos annos. Muitos dos seus bispos foram notaveis, como D. Diogo Ortiz, o cardeal D. Miguel da Silva, D. Francisco Alexandre Lobo, e ainda um nosso contemporaneo D. Antonio Alves Monteiro, que o actual bispo D. José foi substituir. Vizeu hoje tem a séde do quartel general da 2.ª divisão militar e em 1883 recebeu o titulo de antiga e muito nobre.

Sabugal. — D'este concelho, que é um dos mais pittorescos do districto da Guarda, damos algumas gravuras muito curiosas.

Gouveia. — Pertence ainda ao mesmo districto da Guarda e d'ella produzimos uma gravura.

Dois dos clichés de Cintra foram-nos gentilmente offerecidos pelo sr. Maya Cardoso. Todos os restantes foram expressamente feitos para o *Brasil-Portugal* pelo nosso collaborador Benoliel, ha dias nomeado correspondente artistico da *Illustration*.



O verão em Cintra — No «Bally paper» — Todos risinhos... menos um

Paizagem Rustica

Batia em cheio o sol pelos trigães
Acalentando as tremulas searas...
No ar passavam notas divinaes
D'orchestras amplas, virginaes e claras.

Um grupo de formosas raparigas,
Frescas, morenas e gentis ceifeiras,
Confundiam as limpidas cantigas
No spartito das aves nas balseiras.

Pequenitos á beira dos caminhos,
Alegres e rosados, como auroras,
Andavam, uns a namorar os ninhos,
Outros, então, á busca das amoras.

E mais além, o filho do moleiro,
Ouvindo as alvas pombas arrulhar,
Jurava, eterno, o seu amor primeiro
A' moça mais bonita do logar...

ALBERTINA PARAIZO.



O verão em Cintra — Durante a festa de Santa Eufemia — Principio de incendio na malta



O verão em Cintra — Suas altezas assistindo á corrida



O verão em Cintra — O alferes Nuzareth e a sua montada vencedores do «Cross-Country»

Política Internacional

Pobre Russia! E' esta a exclamação que melhor traduz o nosso sentimento ao dar conta das desditas, que no actual momento peizam sobre a terra dos tsars. . . Pobre Russia!

Quem havia de dizer ha seis mezes, que a potencia mais temida da Europa, que a nação arbitro da paz ou da guerra no mundo, que o imperio que todos cortejavam pela grandeza do poder que lhe sappanham, se havia de vêr na presente situação — humilhado militarmente pelo Japão, humilhado diplomaticamente pela Inglaterra, e humilhado socialmente pela serie de attentados, que n'um crescendo atterrador vão fazendo tombar uns após outros os mais firmes sustentaculos da velha ordem social. Ainda ha poucas semanas cahia em Helsingfors o general Bobrikov, e em Elisabethpol o general Andréiev, e já outro crime politico vem juntar-se á longa e sangrenta lista d'estas execuções summarias, que parecem plenamente justificar a definição que um publicista deu do tsarismo — «despotismo temperado pelo assassinato.»

D'esta vez coube a sorte ao ministro do interior von Plehwe. O attentado de que foi victima faz lembrar o identico, que custou a vida a Alexandre II. Vê-se que já é velho na Russia este ajuste de contas com a autocracia. O peor é que, se os assassinos não desanimam, o governo parece nada aprender pela sua parte com a terrivel lição do passado. A cada golpe vibrado pelos revolucionarios responde elle com novas perseguições, que por seu turno provocam novas catastrophes. Quem se cansará primeiro n'este funebre jogo de morte? . .

O que está demonstrado é que a politica de repressão nada previne e nada evita. Por mais condemnavéis que sejam estes crimes perante a consciencia universal, parece que a consciencia russa não se affigurar elles tão feios, que perante uma condemnação sincera e unanime se sintam desarmados os conjurados para a sua obra de vingança. Pelo contrario. O assassino é proclamado um benemerito se escapa, ou um martyr se expia com a vida o seu delicto. N'um meio assim a simples repressão, por mais cruel que seja, nada remedeia. E' o que deviam comprehender os estadistas russos, para pôrem um termo a estes repetidos attentados, que fazem o imperio dos tsars uma triste excepção entre os estados europeus.

O assassinato de Plehwe é evidentemente o resultado de causas complexas, em que tem parte não ha duvida a antipathia pessoal que o fallecido ministro inspirára em todos os circulos liberais, mas em que entram tambem outros factores de natureza mais geral. Se é certo que o assassino é judeu, conforme nol-o dizem os telegrammas, não será difficil filiar o attentado de agora nos morticínios de Kischenev, imputados com razão ou sem ella á complicitade do ministro do interior. Que Plehwe foi o auctor das medidas de perseguição, que nos ultimos annos foram decretadas contra os israelitas, ninguém o nega, e elle proprio fazia d'isso certa gala. Não admira, pois, que esta raça o odiasse profundamente, attribuindo lhe a principal responsabilidade n'essas scenas de sangue, que em Kischenev tanto prejudicaram o nome da Russia perante o mundo civilisado.

É singular coincidência! Os tres assassinatos politicos ultimamente realizados foram commettidos por individuos pertencentes a alguma das nações subjugadas pela Russia. Teem todos tres o caracter de vingança nacional. Bobrikov, o perseguidor da Finlândia, é morto por um finlandez. Andréiev, o perseguidor dos armenios, é morto por um armenio. Plehwe, o perseguidor dos israelitas, é morto por um judeu.

O exemplo é contagioso; e não faltarão amanhã outras nacionalidades escravizadas a darem a esta fatidica lista de hallucinados o seu luctuoso contingente.

Ha muito que Plehwe era apontado nos jornaes russos revolucionarios, que se publicam fóra das fronteiras do imperio, como o alvo escolhido pela vindicta popular. As ameaças eram mais do que transparentes; appareciam claras e nitidas, presagiando o attentado. É singular ironia do destino! o homem que tinha a seu cargo velar pela segurança da dynastia e do regimem autocratico, havendo para esse fim envolvido a Russia inteira n'uma rede de espionagem, não poude cuidar da sua propria segurança e cae ás mãos dos revolucionarios, em pleno dia, na propria capital que era o báluarte do seu poder. . .

O que a morte de Plehwe representa de excepcionalmente grave para a Russia, é que, em primeiro lugar ella não é a obra individual do fanatismo de um hallucinado, mas obedece a plano de ante-mão concebido, tendo por consequencia uma significação social ou collectiva; e em segundo lugar é, que é a ultima de uma serie, que com sinistra regularidade vae crescendo sempre, sem que medidas algumas repressivas sejam capazes de lhe sustar o funebre andamento. Nada menos de tres ministros — Bogolievov, Sipagin e Plehwe — para não fallar nos funcionarios subalternos, caíram condemnados pelo mesmo terrivel tribunal, cujas sentenças teem sempre execução porque não treme nem vacilla a mão dos executores.

No momento actual ainda o occorrido reveste maior gravidade, se

é possível, do que em tempos ordinarios. Os desastres, que no Extremo Oriente estão ferindo as armas russas, crearam uma tal atmosfera de descontentamento, devemos quasi dizer de revolta, na grande massa da população, que pôde bem reaccar-se qualquer explosão violenta. Os partidos revolucionarios e os representantes das nacionalidades opprimidas aproveitam a occasião para activar a propaganda contra o existente, e a autocracia desprestigiada pelos resultados da guerra encontra-se sem força moral para resistir. N'estes termos e com uma situação interior tão perturbada, o reaparecimento dos assassinatos politicos, que parecem querer ressuscitar em pleno seculo xx a «Russia vermelha» da segunda metade do seculo xix, não pôde deixar de constituir grave symptoma para a vida politica da nação.

Dois interrogações, a que o actual attentado vem dar innegavel importancia, são as seguintes: que consequencias vae ter para a politica interna da Russia, e portanto para o destino da autocracia dos tsars, a morte de Plehwe? E que repercussão vão ter n'essa politica novos desastres no Extremo Oriente, como por exemplo a provavel derrota de Kuropatkin e a quasi certa queda de Porto Arthur?

A resposta a esta dupla interrogação é hoje um verdadeiro sobresalto para todos os amigos da Russia. Vae finalmente Nicolau II, ou antes a camarilha que o cerca e o inspira, dar á Russia as liberdades que ella reclama, quebrando assim por um acto ao mesmo tempo de justiça e de habilissima politica as armas nas mãos dos revolucionarios? Ou pelo contrario, por uma falsa noção da força e do prestigio do poder, vae o tsar responder com novas perseguições e medidas de mais accentuada reacção, se é possível, ás violencias do partido revolucionario? E' cedo de mais para o saber ao certo, e faltam elementos seguros para aventar a este respeito uma razoavel suposição. Corre o boato de que seria chamado a substituir o ministro assassinado o ex-ministro da fazenda Witte, rival vencido de Plehwe, que á influencia d'este ultimo deveu o ter sido afastado do poder. Se semelhante nomeação viesse a realisar-se, significaria ella a melhor de todas as soluções, porque importaria o repudio da politica reaccionaria, de que Plehwe era o symbolo. A simples presença de Witte á frente da politica russa teria desde logo como resultado uma acclamação geral dos espiritos, pois sabe-se que este estadista é relativamente liberal, e que sempre foi adverso aos processos de russificação violenta da Finlândia inaugurados por Bobrikov, e á desastrosa diplomacia de Alexeiev, que trouxe para a Russia a malfadada guerra com o Japão. Alem d'isso Witte é um espirito largo e independente, como por mais de uma vez teve ensejo de o revelar, e afirma-se que sempre se oppoz á occupação permanente da Mandchuria, por prever os funestos resultados que semelhante aventura havia de ter para o imperio. Mas será elle o escolhido? O interesse do tsar e da Russia assim o aconselham; o partido reaccionario, porém, que tem como um dos seus principaes inspiradores o procurador do Santo Synodo, Pobiedonostsev, ha de a isso oppôr-se por todas as fórmias, e não devemos esquecer que este partido é actualmente todo poderoso na córte. Tanto peor n'este caso para a Russia. . .

Qual será a influencia da guerra na politica interna? Esta segunda interrogação pôde ainda formular-se com mais precisão do seguinte modo: qual será a influencia da derrota dos russos na Mandchuria sobre a situação interior do paiz? A avaliar pelos symptomas, que começam a revelar-se, graves acontecimentos se preparam no imperio, dado o caso hoje mais que provavel de que os japonezes consigam triumphar definitivamente dos exercitos do tsar.

Os elementos revolucionarios, que nos ultimos mezes tanta actividade teem desenvolvido, só esperam o desastre final no Extremo Oriente (que pôde bem ser a queda de Porto Arthur ou o desbarato total do exercito de Kropotkin) para operar em grande escala. Por agora limitam-se a attentados locais, aparentemente sem ligação entre si, embora sejam o resultado da execução de um plano unico. Ha ainda um elemento, que por ora se não tem manifestado, mas que é de reaccar venha a figurar de uma maneira mais ou menos directa nos acontecimentos que se preparam. Referimo-nos ás duas nacionalidades, — finlandez e polaca, — e ainda á caucasiana, subjugada mas não assimilada ao dominio russo.

Que farão, a Finlândia e a Polonia, se a autocracia de S. Petersburgo se vê obrigada a confessar-se vencida, e a assignar um tratado de paz, que signifique a abdicación por parte da Russia da sua sonhada hegemonia na Asia? Não é de temer que se lancem n'uma revolução, ou pelo menos que auxiliem qualquer movimento iniciado pelos grupos radicacs?

Não ha duvida de que para conjurar todos estes perigos a Russia carece de vencer, precisa de uma grande victoria, que lhe levante o abatido prestigio. Virá contudo essa victoria? Cada dia se affigura isto mais problematico. Os soldados russos batem-se como leões e morrem como heroes; mas por uma fatalidade, que parece implacavelmente perseguir os, são sempre vencidos e recuam sempre. Tristes annuncios d'essa victoria sempre promettida, e que não chega nunca. . .

PORTUGAL — Castello e ponte do Sabugal



Resam as chronicas que D. Diniz foi quem mandou construir a ponte, o castello e a fonte do Sabugal, existindo entre o povo a quadra tradicional que diz:

Eu D. Diniz
Ponte, fonte e castello fiz,
E quem Dinheiro tiver
Fará o que quizer.

Castello de cinco quinas,
Não ha outro em Portugal
Senão além do Cõa
Na villa do Sabugal.

Canção popular referente ao castello.

Monumentos Históricos

Convento de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo

I

O voto: a batalha e a victoria

Para se tratar do grandioso e venerando templo de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo, hoje em ruínas, é mister primeiramente fazer commemoração de um dos maiores feitos que enobrecem os fastos de Portugal, e de um dos mais heroicos e gloriosos dos seus filhos.

O feito foi a victoria de Aljubarrota, que mil circumstancias fizeram gloriosissima, e que assegurou a independencia do nosso paiz. O heroe, a quem se devem, mais que a nenhum outro, os loiros d'esse dia memoravel; o heroe que, depois do ultimo triumpho das armas portuguezas,

mo, quando viram estender-se diante de si, em extensa linha de batalha, tão poderoso inimigo.

El-rei de Portugal, D. João I, fizera voto á Virgem Maria de lhe levantar um templo magnifico, se a victoria coroasse a bandeira das quinas; e voto igual foi feito pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Fortalecidos pela fé, os dois bravos chefes correram as fileiras da sua hoste para levantar o espirito abatido dos soldados. E tanto poder tiveram as suas palavras entusiasticas e a expressão energica de seus rostos, em que se viam estampadas a fé e a esperanza, que em todos os peitos se levantou de novo o animo e se acendeu o entusiasmo.

Travou-se em seguida o combate: acometteram-se de parte a parte com igual valentia e intrepidez. Por vezes esteve a sorte indecisa, parecendo desfavorecer os nossos; mas depois de algumas horas de terrivel carnificina, ao cabo de heroicos esforços da hoste portugueza, o inimigo fugia completamente desbaratado, deixando em poder dos vencedores o seu acampamento com immenso e riquissimo despojo.

II

Cumprimento do voto: fundação do convento carmelitano

Passados poucos annos fundava el-rei D. João I o sumptuoso convento de Santa Maria da Victoria, vulgarmente chamado da Batalha;



SABUGAL — Praça do mercado, tribunal e torre do relógio — PORTUGAL

para que tanto concorreu com a sua invicta espada, despresou honras e riquezas, indo encerrar-se em um claustro sob o humilde habito de leigo; esse heroe enfim, que viverá laureado e respeitado nos annaes d'este reino, enquanto a historia guardar em seus archivos memorias de insignes façanhas, de extremada dedicação pela causa da patria, e de exemplos sublimes de todas as virtudes christãs, é o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

No dia 14 de agosto de 1385 achavam-se á vista nos campos de Aljubarrota os exercitos de Castella e de Portugal. A peleja, que estava prestes a romper, devia decidir da sorte da monarchia de D. Affonso Henriques. Porém, todas as apparencias e probabilidades affiguravam-se contrarias a ente reino. O exercito castelhano contava perto de trinta mil homens; e além d'isso estava bem armado, e a sua organização e disciplina eram das melhores d'aquelle tempo. O exercito portuguez compunha-se, apenas, de onze mil combatentes, mas na sua maioria gente bisonha, sem disciplina e sem pratica no exercicio das armas. Todos, valentes, certamente, cheios de confiança nos seus chefes, e possuidos de patriotismo, mas que, não obstante estas circumstancias favoraveis, sentiram esmorecer-lhes o animo, e arrefecer-lhes o enthusias-

e o condestavel Nuno Alvares Pereira lançava a primeira pedra nos alicerces de outro convento grandioso, que consagrou á Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo. Edificava-se aquelle no proprio logar, onde romperá tão desigual combate; levantava-se este sobre um dos montes em que se assenta Lisboa.

Logo que o condestavel se viu desembaraçado dos trabalhos e cuidados da guerra, tratou de dar cumprimento ao voto que fizera.

Escolhido para logar da fundação o monte fronteiro á cidade moirisca, hoje castello de S. Jorge, foi comprado o terreno, a maior parte, ao visinho convento da Trindade, e outra parte mais pequena a Micer Carlos Passanha, almirante d'este reino, cuja habitação se erguia, onde vemos agora o palacio em que se acham estabelecidas as repartições da direcção geral dos correios e telegraphos do reino.

O primeiro risco apresentado pelo architecto ao condestavel não foi approvado, talvez pelas avultadissimas despezas a que obrigava. Por este plano devia a igreja ficar com a frontaria voltada para o oriente, isto é, para o lado do valle, então denominado Valle Verde, onde ao presente está a praça de D. Pedro; e o ingresso para o templo seria feito por uma escadaria de pedra, que, principiando na raiz do monte,

havia de subir em ziguez-zagues pela íngreme encosta até ao adro e porta principal da igreja.

Não se sabe quem foi o architecto que delineou aquelle risco, e que fez o segundo, que mereceu a approvação do fundador e se poz em execução, ficando n'este a porta da igreja voltada para o occidente, e a capella-mór onde estava riscada n'aquelle a porta do templo.

dos mestres, despediu-os, e chamou para os substituir os tres architectos do mesmo appellido, que gosavam de grande fama: Affonso Eannes, Gonçalo Eannes e Rodrigo Eannes.

Referem os chronistas, que por occasião do condestavel ordenar aos architectos que procedessem á nova fundação, dando ao edificio toda a precisa solidez, sem olharem a despezas, lhes dissera que «se os alicer-



SABUGAL — Exterior do Castello — PORTUGAL

Começou-se a obra pela capella-mór, deitando-se a primeira pedra nos alicerces com a maior solemnidade em julho de 1389.

Jam já crescidas as paredes, quando repentinamente se alluiram com perda de alguns operarios. Profundaram-se mais os alicerces, e mais do que os primeiros se reforçaram. Porém, estando já adiantada esta segunda fundação, sobreveiu equal catastrophe, inutilizando-se o fructo de muito trabalho e dispendio.

Desgostoso o condestavel, e attribuindo as catastrophes á impericia

ces se alluisseem pela terceira vez, nem assim desistiria da obra, nem do local, mas que os havia de fazer de bronze.

Porém d'esta fundação conseguiu-se perfeita segurança. «Logo com estes bons officiaes (dizem as antigas memorias do convento do Carmo) empeçou o conde (de Ourem e de Barcellos) a sua obra a terceira vez pela parte do valle, e nem quiz levar os fundamentos direitos a fundo, por assim lho certificarem os Mestres, mas para mais fortificação, acordão que fossem enviados com seus degrãos; e que empeçassem um



Ph. am. Ferdigão.

VIZEU — Rio Pavia — PORTUGAL



Ph. am. Ferdigão

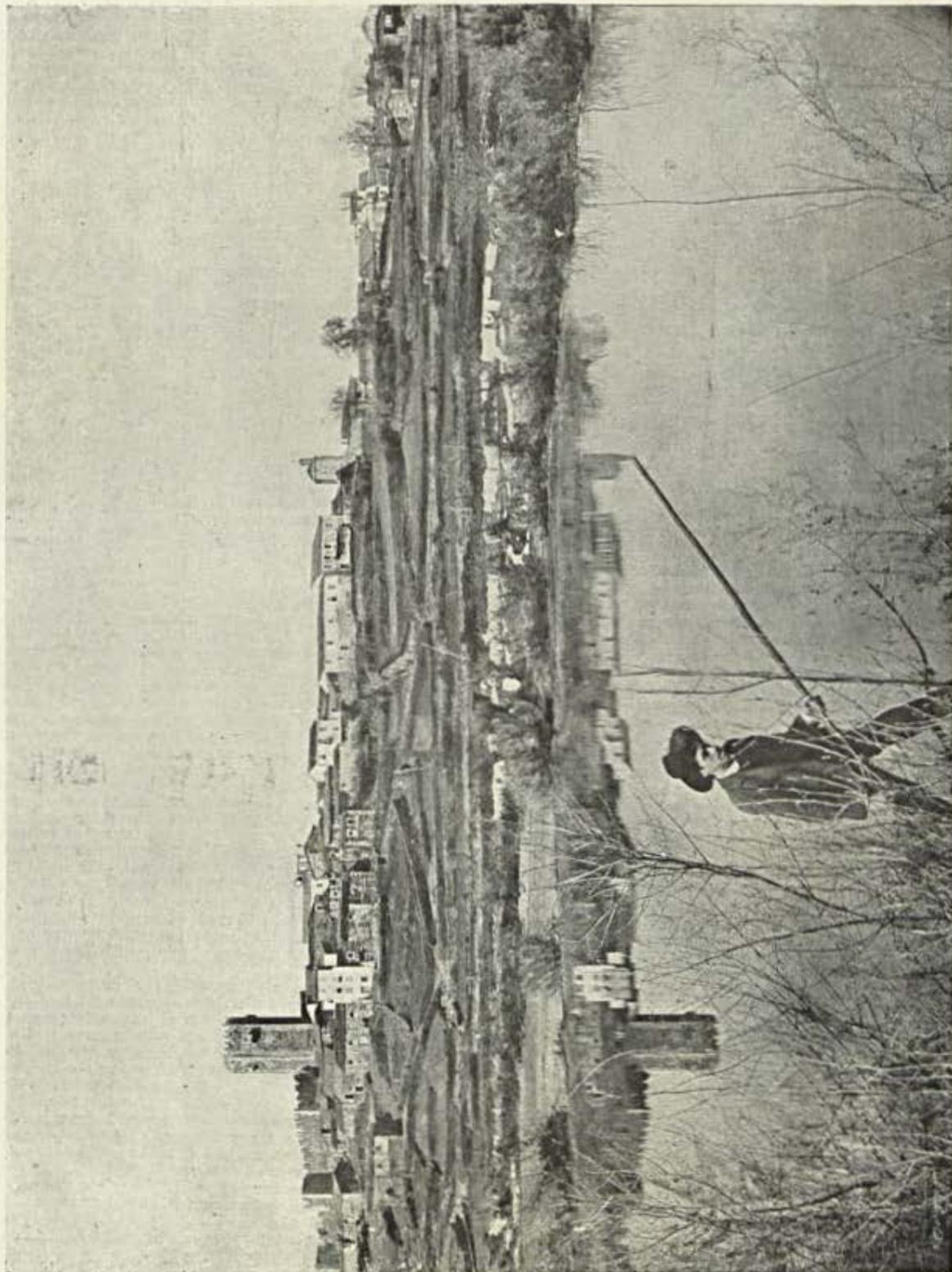
VIZEU — Quatrel de Infantaria 14 e igreja dos Terceiros — PORTUGAL

bom salto atrás do valle, para que não só tivessem a terra, que non corresse, mas que quando as paredes fossem erguidas, nom lhe podesse a terra fazer alguma rapazia.»

O condestavel mandou chamar os quatro melhores canteiros e esculptores, que havia em Lisboa, e eram: Lourenço Gonçalves, Estevão Vasques, Lourenço Afonso e João Lourenço. E com estes mestres e

preciso reforçar a parede do sul com uns arcos ou batareos, que ainda lá se vêem.

N'esse mesmo anno chegaram a Lisboa alguns religiosos do convento de Nossa Senhora do Carmo, da villa de Moura, chamados pelo condestavel para lhes fazer doação e entrega do convento e igreja. Apesar do edificio estar ainda muito distante do seu acabamento, aquelles religio-



SABUGAL — Vista geral do lado Sul, sobre a margem do Coa — PORTUGAL

mais operários celebrou uma escriptura em que se continham as obrigações de cada um, e o preço dos jornaes, que eram os seguintes: 30 réis por dia ao mestre de toda a obra; 13 réis aos outros mestres ou officiaes; e 10 réis aos serventes. Estes preços eram avultados, pois que o alqueire de trigo valia n'aquelle tempo apenas 5 réis.

No anno de 1407, achando-se as paredes da igreja levantadas a grande altura, abriu-se um larga fenda no frontispieio, entre a porta e o cunhal da parte do sul, de maneira que para remediar este damno foi

soz tomaram conta d'elle, e começaram a exercer os actos de communi-

dade.

O fundador doou muitos bens ao convento, mas em uma clausula da escriptura reservou para si, em quanto vivesse, a administração dos rendimentos.

Tendo determinado, que a cada frade fossem dadas 40 varas de panno de linho por anno para se vestirem, elles antes quizeram dois cruzados «para melhor se governarem».

Cartas a uma senhora

I

Minha senhora,

Com uma amabilidade que não sei como agradecer diz-me v. ex.^a na sua carta, ha pouco recebida *porque será que v. ex.^a, que collabora em tantas revistas technicas, de essas que uma mulher não pode folhear sem risco de passar por pedante, ainda se não lembrou de escrever, em linguagem despretenciosa, da mesma maneira como conversa, ácerca de assumptos em que intervenham conhecimentos scientificos, mas sem a terminologia que os torna tão enfadonhos para nós, que nos parece estar ouvindo uma lingua-

gem que nem nos encanta nem nos commove? Não lhe deve ser isso difficil, porque demais v. ex.^a presume de litterato e ha de saber como é que singelamente se pode interessar o publico em questões de essas em que nada comprehendemos. Assim, por exemplo, agora mesmo acabo de chamar a minha criada comprindo um botão de marfim da campainha electrica, mandei telephonar para a Companhia, para que me mandassem a carruagem para ir ao D. Amélia, onde hei de ver a sala illuminada a luz electrica e, ao sair, no largo das Duas Igrejas estarão uns carros, que conduzirão até perto de suas casas aquelles que não querem ou não podem, como eu, utilizar-se de trem. Como é que a electricidade pode substituir os cavallos, os moços de recados, os candieiros de azeite ou as vellas de stearina? Serve para tudo? E' assim como que uma criada de todo o serviço? E o que é que vem a ser a electricidade?

Ahi tem uma série de perguntas a que lhe será facil responder; mas antes de isso, se lhe não custasse desejar que v. ex.^a me dissesse alguma coisa sobre as perolas que tanto admirou há dias naquelle meu collar, que levei á recita da Bartet.

Transcrevi integralmente, minha senhora, o que v. ex.^a escreveu por várias razões, a primeira das quaes é para dar relevo ás sornices de estylo a que terei de entregar-me para cumprir as suas ordens; por isso que, em primeiro lugar, nem sou litterato nem de tal devo presumir. Falta-me a plasticidade de expressão, que não se adquire pelo trabalho; mas que me parece ser um dom innato; preocupo-me em demasia com rigores de argumentação e por isso nem possuo o vocabulo sonoro, que dá vida á phrase, nem sou capaz de encontrar a palavra que harmoniza e cadencia o periodo. No entanto, escrevo em revistas que aturam os meus artigos e onde há quem pacientemente decifre os meus rabiscos, porque tive sempre horror pelo inedito, por aquellas *Memorias de um atomo* de que são victimas tantos e tão bons espiritos nossos, que se não encontram só nos *Maias*, de Eça de Queiroz. E depois, se v. ex.^a me promettesse que não ia dizê-lo, confessar-lhe-ia que possuo uma certa dóze de descaramento para não hesitar em escrever, confiando aos poetas e prosadores de profissão o encargo de procurar estylo.

Deixando agora as perguntas que v. ex.^a se digna fazer-me ácerca de electricidade, á ultima das quaes confesso que não sei o que hei de responder, vou então falar de perolas; mas, para attenuar o tedio que ha de causar-lhe esta minha carta, pedirei a v. ex.^a o obsequio de cortar a leitura de ella com a de uma já esquecida poesia de Eugenio de Castro que, se lem me recordar, existe num primeiro livro de elle intitulado *Canções d'abril*. Ali fala de perolas e de uma princeza. Mas tantos poetas e tantos romancistas de ellas se occuparam que decerto v. ex.^a com aquella promptidão de reminiscencia, que tanto lhe tenho admirado, há de saber quaes são as phrases que melhor se amoldam áquellas *gottas de orvalho petrificadas*, como lhe chamavam os antigos.

Não falarei a v. ex.^a nem das perlas que Cleopatra dissolvia em vinagre, nem de aquellas que Buckingham deixava cair, ao percorrer as salas dos reis de França, para que depois da sua passagem ficassem ainda curvados os cortezãos de Anna d'Austria, que mal soffriam Richelieu.

Tambem não direi a v. ex.^a que aquelle processo de fazer perolas, que se attribue aos chinezes, que se conta que introduzem grãos de areia no manto de um mollusco perifero, nada vale nem merece a pena que nelle nos detenhamos.

Hoje os naturalistas distinguem as perolas em *perolas finas verdadeiras* e *perolas de nacre*, que não passam de deformações devidas á madreperla da casca, isto é a uma secreção de carbonato de cal e uma materia organica destinada ao crescimento da concha, em que habita a ostra. A verdadeira perola fina acha-se solta no manto de uma ostra, que os naturalistas baptisaram com o nome de *Maleagrina margaritifera*. Como todas as ostras, que se presam, a *Maleagrina* é acephala, isto é não tem cabeça e pertence a uma



D. José — Bispo de Vizeu

III

Sagração da igreja: recolhe-se o condestavel ao convento: a sua morte

Acabado o templo em 1423, no fim de trinta annos de trabalhos não interrompidos, celebrou-se a cerimonia da sagração com grande pompa no mez de julho. E no dia 15 do seguinte mez recebeu o fundador das mãos do prelado o habito de donato carmelita, contando 63 annos de idade, depois de infructuosas diligencias de varias pessoas para o dissuadirem do seu intento; e trocou pelo nome humilde de Nuno de Santa Maria seus illustres appellidos e os honrosos titulos de condestavel de Portugal; conde de Ourem, de Arrayollos e Barcellos, mordomo-mór d'el-rei D. João I, e senhor donatario de mais de quarenta villas.

Fugindo dos braços de sua filha, de seus netos, e dos seus numerosos amigos, e desprezando as vaidades do mundo, o illustre progenitor dos nossos reis da dynastia de Bragança foi d'opór aos pés da Cruz a espada gloriosa do heroe dos Atoleiros, de Aljubarrota e de Valverde. Foi esconder nas sombras do claustro uma fronte, em que resplandecia tamanha gloria; foi cobrir de grosseira estamecha o corpo que vestira armas tão reluzentes; foi dar os mais humildes exercicios ás mãos, que tinham coroado o mestre d'Aviz, e defendido com tanta coragem e valor a liberdade dos portuguezes.

Ao cabo de oito annos e dois mezes e meio de uma vida toda consagrada ao serviço de Deus e á pratica das virtudes christãs, morreu dentro de uma pobre cella, não só desataviada de ornatos, mas até falta do preciso para agasalho e commodidade, o fundador do sumptuoso convento de Nossa Senhora do Carmo, o mais opulento fidalgo d'aquelles tempos, o companheiro d'armas que D. João I não se fartava de enriquecer (1 de novembro de 1431)!

VILHENA BARBOSA.

NR. — Agora que tanto se tem falado em reedificar esta capella, vem a proposito o artigo escripto por quem tanto conheceu os nossos monumentos historicos.



Eu ás vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal lêem as pobres crianças. Creio que se lhes dá Filinto Elysis, Garção, ou outro qualquer d'esses mazorros semsaborões, quando os infelizes mostram inclinações pela leitura.

Isto é tanto mais atroz quanto a criança portugueza é excessivamente viva, intelligente e imaginativa. Em geral nós outros os portuguezes só começamos a ser idiotas — quando chegamos á idade da razão. Em pequenos temos todos uma pontinha de genio; e estou certo que se existisse uma litteratura infantil como a da Suecia ou da Hollanda, para citar só paizes tão pequenos como o nosso, erguer-se ia consideravelmente entre nós o nivel intellectual.

Em logar d'isso, apenas a luz d'entendimento se abre aos nossos filhos, sepultamol-a sob grossas camadas de latim! Depois do latim accumulamos a rhetorica! depois da rhetorica atulhamol-o de logica (de logica, Deus piedoso!) E assim vamos erguendo até aos ceus o monumento da camelice!

EÇA DE QUEIROZ.



José de Mello de Mattos



Ph. am. Perdígão. VIZEU — Frontespicio da Sé — PORTUGAL

classe de molluscos compreendidos na classificação geral de *Lamellibranchios*, porque estes animais respiram por meio de guelras, constituídas por finas lamínas, através das quaes se filtra o oxigênio dissolvido na agua.

A *Maleagrina* não tem parecências algumas com as ostras vulgares, que tanta gente accusa de transmissoras do typho.

Ha duas variedades principaes de *Maleagrinas*: a *fuscata* e a *margaritifera*. A concha da primeira regula pelo tamanho da palma da mão; é a que encerra maior quantidade de perolas e por isso se lhe dá o nome de *ostra das perolas*, ao passo que, na *margaritifera*, a perola, é a excepção e a madreperola, o objecto da exploração de este mollusco.

Não é comtudo apenas a *Maleagrina* que produz as perolas, por que ha nalguns dos nossos rios um mollusco de concha bivalva, de fórma ovoide, denominado *Unio margaritifera*, que produz bem bonitas perolas, segundo referem naturalistas. A concha do *Unio* é quasi transparente e de bellas irisações madreporicas, mas os pescadores e os lavradores das visinhanças da pateira de Fermentellas e da valla do Arujo, no Vouga, dão-lhe pouco apreço e deixam aquelle *mexilhão de agua doce*, como lhe chamam, para sustento dos ratos de agua.

Segundo um livro recente, devido ao sr. del Péré de Cardailiac de Saint Paul, que soube alliar a toga com a espada, por isso que, além de distincto official do exercito francez, é doutor em direito, a mulher do duque Leopoldo II possuia um enfeite de notavel belleza constituído por perolas de agua doce.

Em 1806, offereceram á imperatriz Josephina, perolas que vinham dos regatos da Polonia e o proprio auctor do livro a que me refiro conta que algumas encontrôu no Adour, avaliadas entre 150 e 300 francos (1).

Ainda se encontram perolas nos mexilhões e nalguns parece que em tanta quantidade que não servem para a alimentação. Já desde 1894 que Ramonville alludiu a um banco de mexilhões períferos, mas só

ha tres annos é que foi estudado por um naturalista francez e outro inglez, de quem falarei a seu tempo.

Mas esqueceu-me de dizer a v. ex.^a, no meio de tão barulhadas phrases, o modo como os naturalistas definem hoje as perolas, attendendo á sua origem e ao seu modo de formação.

Se v. ex.^a tem paciencia bastante, depois da leitura de tão enfadonha carta, para me consentir que ainda prosiga neste assumpto, reservarei para uma proxima missiva a exposição de esta materia, pedindo, no entanto, licença para me subscrever, com a mais elevada consideração

De v. ex.^a
Criado muito respeitoso

Mello de Mattos.

(1) V. La Pêche dans les cours d'eau (Étude de droit international et de Législation comparée), p. 31.

As pombas...

Vão-se a primeira pomba despertada...
Vão-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Rufando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da a lolescencia as azas soltas,
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

RAYMUNDO CORRÊA.



(Cliché de Perry & Filho) S. Pedro.

Celebre quadro de João Vasco (seculo xv) existente na Sé, de Vizeu — PORTUGAL

AS ECLOGAS DE VIRGILIO

ECLOGA IV

POLLION

Oh musas da Sicilia, agora, ergamos,
Um pouco mais, o canto. Não agrada
A todos só d'arbustos e modestas
Sarças ouvir falar; se as celebramos,
Sejam dignas d'um consul as florestas.

A medida do tempo, annunciada
Pela Sibyla em Cumas, está cteia!
Outra serie de seculos nasceu;
Volta a reinar Saturno com Astrea;
E a nova geração desce do ceu!

E tu, casta Lucina, favonça,
Propicia, o nascimento do menino,
Por quem desaparece a ferrea idade,
Por quem volta de novo esse divino
Tempo d'ouro p'ra toda a humanidade!
E Apollo, o teu irmão, tudo governa!

E és tu, Pollion, o consul; honra eterna!
Se é no teu consulado que os sublimes
Mezes têm seu inicio!

Se inda houver
Alguns vestigios dos recentes crimes,
Irritos e olvidados hão de ser;
E as terras livres do perpetuo medo.

Dos Deuses Elle acceite o dom da vida!

Andam os deuses co' os heroes, e, cedo,
Entre elles vel-o-has, sendo regida
Das virtudes do pae a terra em paz!

E para ti, creança, a terra, ainda
A que for sem cultivo, vel-a-has

Desentranhar-se em fructos, verde e linda;
A's heras trepadeiras se entrelaça,
Alem, o nardo; a colocária, aqui;
E, na cortina viridente, passa
O acantho triumphal, a flor que ri.
As cabras voltarão p'ra o seu aprisco,
Co'as longas tetas a apujar de leite;
Nem os rebanhos temerão o risco
Que o leão formidavel os espreite.
Teu proprio berço florirá em lirios.
Morre a serpente perfida; e outro tanto
Succede ás plantas más; crescem assyrios
Amonios, por ahí, a cada canto.
E, quando tu, um dia, já poderes
Ler os louvores dos heroes e os fastos
De teu pae, e a virtude conheceres,
Irão amarellando os campos vastos
Em ondulante mar de espigas leves;
E a uva, em cachos, toda a arder de rubra,
Será pendente das incultas seves;
E da azinheira, á qual o orvalho cubra,
Gotejarão de mel ambradas perolas.

Mas da antiga maldade inda se contam
Vestigios entre nós. Pois que nas cerulas
Ondas largas do mar Thetis se afronta
Com essas frageis naus, e inda se encerra
Uma cidade em cinto de muralhas,
E vae rasgando o arado o seio á terra:
De novo, hão de partir p'ra outras batalhas,
A render outra Téphys, novas Argos,
Levando outros guerreiros escolhidos;
E a guerra durará, inda por largos
Annos, sobre a terra em repetidos
Combates; e, outra vez, será mandado
A Troia o grande Achilles. Mas, porem,
Quando tu, pelos annos afirmado,
Já de idade viril fores tambem,
Não andarão no mar navegadores,
Que, os homens tendo já quanto precisam,
Inuteis serão naus de mercadores;
Nem os terrões precisarão, que os pizem,
Dentes trituradores d'uma gralé;
Nem as videiras car'cerão de poda;
E o lavrador robusto tambem ba de
Tirar a canga aos toiros. A lá toda,

Que ovelhas e carneiros produzirem,
Não saberá fingir de cores varias.
Hão de, ainda nos prados, se c'lorirem
As ovelhas das tintas necessarias,
Estas de rubra purpura agradável,
E da cor do açafraão doirado aquellas.

As Parcas, velhas servas do immutavel
Destino, aos fusos seus dirão: — «As bellas
Idades de ventura ide fiando!»

Vae chegar esse dia! P'ra o supremo
Imperio, vae, caminha, oh veterando
Descendente dos Deuses, ramo extremo
Da geração de Jupiter!

O mundo,
Globo que no seu peso se equilibra,
Com terras, vasto mar e ceu profundo,
E tudo, enfim, com que alegria vibra
Na esp'rança do porvir!

Ah que se a vida
Já no ultimo quartel se m'alongasse!
E a inspiração poetica, devida
P'ra teus feitos cantar, se conservasse!
Nem Lino, nem Orpheo da Thracia, entanto
Me haviam de vencer; se bem que inspira
Calliope e Orpheo, seu filho, o doce canto,
E o bello Apollo, o pae, de Lino a lira.
E até o proprio Pan, se concorresse
Comigo p'ra cantar te, sendo ouvido
O juizo da Arcadia, Pan, inda esse,
Dar-se-hia p'rante a Arcadia por vencido.

Começa a conhecer a creancia
O sorriso da mãe, apoz dez mezes
De longos sofrimentos! E' mesquinha
Toda a creança a quem algumas vezes
Não sorrirem os paes; o mais benigno
Dos Deuses não a assenta á sta meza;
Se é homem, Deusa alguma, com certeza,
De partilhar seu leite o julga digno.

COELHO DE CARVALHO.



Phot. am. S. Graça.

GOUVEIA — Vista do nascente — PORTUGAL